

A DONA

Ecoavam pela gare duma estação do metro de Lisboa os gritos de uma mulher. Não pareciam ser de aflição ou pedido de socorro, mas sim de fúria. Todos os olhares da massa humana que àquela hora se movimentava pelo espaço se dirigiam naquela direção, salvo os indiferentes, que de tudo se alheiam.

À medida que se aproximavam, começavam a perceber de que se tratava.

- Larguem-me. Larguem-me. Ela é minha. E minha filha. Sou DONA dela, bato-lhe quantas vezes eu quiser.

Esbracejava furibunda, tentando libertar-se dos que a seguravam impedindo-a de continuar a espancar a criança que dizia ser sua filha.

Entretanto, alguém já tinha chamado a polícia.

A pouca distância, uma criança franzina de sete ou oito anos tentava encobrir-se por trás de uma coluna, com medo de mais açoites, caso largassem a mãe. De rosto apavorado, quase só se lhe notavam os olhos esbugalhados de uma aflição que não é possível descrever. A mãe espreitando-a por entre as pessoas, ia-lhe gritando!

— Lá em casa conversamos. O cinto está à tua espera. Eu vou para a cadeia, mas tu vais para a cova, para meu sossego!

A criança tremia e chorava que metia dó. Uma senhora abeirou-se da menina a tentar dar-lhe consolo. Aquele ser indefeso aceitou de imediato o aconchego que aqueles braços lhe ofereciam.

Entretanto, a polícia chegou e o único meio de dominar aquela que dizia ser mãe, mas que de mãe nada tinha, foram as algemas.

Conduzida para o carro da polícia, continuava aos gritos, desta vez, dirigidos a quem a tinha impedido de continuar a sovar a filha.

- Já vos fixei a cara, não me escapam! Hão de pagar caro por me impedirem de dar a educação que ela merece, porque a DONA dela sou eu!

A criança mantinha-se agarrada à senhora da qual não se queria separar.

A pedido dos agentes, seguiram as duas noutra carro com a polícia, atrás do carro em que seguia a mãe.

Terá a Dona deixado de ser dona do seu pertence?

Maria Antónia Rodrigues de Sousa Rodrigues de Sousa

Universidade Sénior Francisco Canais Rocha, da ARPE